

Nº 03 | 2023 | ISSN 2965-3312

ANAIS SEPHA UERJ

TRAJETÓRIAS PLURAIS

CATALOGAÇÃO NA FONTE

UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/

s471 Seminário de Pesquisadores de História da Arte

(3. : 2023 : Rio de Janeiro)

Anais SEPHA UERJ: trajetórias plurais. – Rio de Janeiro: UERJ,
PPGHA, 2023.

350 p.

Informações retiradas da capa: v.1, n.3.

Periodicidade anual.

ISSN 2965-3312.

1. Arte – História – Congressos. I. Universidade do Estado do
Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em História da
Arte. II. Título.

CDU 7(091)

Bibliotecária: Cristina da Cruz de Oliveira – CRB-7 4342

GT 5

Trajetórias

Plurais:

Arte e

artistas no

Século XIX

Análise da trajetória de um artista por meio dos seus estudos de pintura

Natália dos Santos Nicolich (UFRJ)¹

Resumo: Este trabalho tem como objetivo apresentar as questões de uma pesquisa em História da Arte construída a partir dos estudos de pintura de um artista atuante entre o final do século XIX e o início do século XX. Trata-se de Rodolpho Amoedo (1857-1941), pintor, decorador e professor brasileiro, e de seus estudos - aquarelas, têmperas e óleos - pertencentes à coleção do Museu Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro. Analisamos a trajetória do artista a partir de alguns estudos selecionados conforme o tema, observando-os em suas características temáticas e formais, e conforme referências em História da Arte. Com isso, entendemos que a produção pictórica de Amoedo expõe seus interesses artísticos tanto como momentos da sua carreira.

Palavras-chave: Estudos; Rodolpho Amoedo; Século XIX; Trajetória artística.

¹ Doutoranda em História e Crítica de Arte no Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGAV/EBA/UFRJ) com pesquisa orientada pela Prof. Dra. Ana Maria Tavares Cavalcanti. Mestre em História e Teoria da Arte pela mesma instituição. Professora licenciada em Artes Visuais. Bolsista Capes. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8263257121124990> E-mail: ns.nicolich@gmail.com

Ao analisarmos a fortuna crítica sobre o artista brasileiro Rodolpho Amoedo desde os seus anos de formação como pintor na Academia Imperial de Belas Artes até as homenagens que foram prestadas pela ocasião do seu falecimento em 1941, vemos que o tom é muito variável. Enquanto alguns autores derramaram expectativas grandiosas ou elogios ao artista, principalmente durante a sua juventude, outros fizeram duras críticas nos seus anos de maturidade. Principalmente nos textos publicados a partir do início do século XX, Amoedo foi mais lembrado pelos quadros que realizou na Europa, como a *Narração de Filetas* e *A partida de Jacob*, do que a sua produção posterior.² Ainda que Amoedo tivesse continuado a pintar até o seu falecimento em 1941, a sua carreira sempre estaria associada às obras do período de formação, entendidas como símbolos de um período específico da arte no Brasil e atrelada às normas acadêmicas. Essas obras também têm em comum a presença da figura humana e a obediência aos gêneros de pintura mais tradicionais, como a pintura de história, mitologia, religião, nu e retrato.

Quando partimos para a observação dos textos de História da Arte, vemos de modo semelhante uma porção de autores que o incluíram entre os “acadêmicos” e outros que sublinharam a sua atuação na renovação do ensino artístico e no uso de temáticas realistas entre o final do século XIX e o início do século XX. Os primeiros são textos escritos principalmente ao longo do século XX; os segundos, publicações das últimas décadas que acompanharam o movimento de revisão sobre a arte brasileira oitocentista. O texto de Mário Pedrosa (1998) escrito originalmente na ocasião da exposição em homenagem ao centenário do nascimento de Rodolpho Amoedo realizada em 1957 no Museu Nacional de Belas Artes, é um exemplo do primeiro caso, onde o autor classificou o pintor como “mediocre”. Enquanto Luciano Migliaccio (2014, p. 210), ao mencionar

2 Adalberto de Mattos, por exemplo, mencionando o júri de pintura para a exposição de 1921 do qual Amoedo fazia parte, enfatiza “o respeito que já mereceu quando pintou a “Narração de Philetas”, o “Tamoyo”, o “Jacob”, o “Christo em Capharnaum”” em face “das barbaridades ultimamente expostas”. MATTOS, Adalberto. *Bellas Artes: O expurgo artistico*. O Malho, Rio de Janeiro, n. 1006, 24 dez. 1921.

Amoedo no contexto da arte brasileira entre o Segundo Reinado e a *Belle Époque* enfatizou as “sugestões modernas” dos quadros e seu papel como “um ponto de referência na renovação da Academia”.

É preciso sublinhar que essa pluralidade de julgamentos não pode ser explicada apenas pela multiplicidade de opiniões sobre a produção artística de um indivíduo; deve-se considerar o quanto essas visões negativas ou positivas refletem os interesses dos articulistas e o período histórico em que eles se encontram. Para os historiadores da arte modernista, sublinhar os aspectos clássicos que nortearam a produção pictórica das gerações anteriores era uma forma de valorizar as tentativas de inovação estética dos artistas envolvidos com o modernismo. A consequência mais marcante desse processo foi o esquecimento de artistas oitocentistas que, salvo nomes como Almeida Júnior e Eliseu Visconti que tinham admiradores mesmo entre os modernistas, permaneceram para a História da Arte no Brasil como representantes de um passado ligado à colonização e ao Império.

A dualidade entre “tradicional” e “novo” que prevalecia nessas análises não levava em conta as particularidades dentro da obra dos pintores e foi baseada em uma concepção equivocada sobre a “arte acadêmica”. Embora o ensino artístico formal praticado nas academias tivesse como base princípios clássicos, “acadêmico” não pode ser sinônimo de “clássico” e não constitui um estilo de pintura, mas sim um modelo de ensino (PEREIRA, 2010). Estudos realizados nas últimas décadas já mostraram que a Academia/Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro passou por processos de atualização ao longo da sua história e recebeu as influências dos movimentos artísticos subsequentes na medida em que elas surgiam na produção dos seus alunos e pensionistas. Isso se aplica também a Rodolpho Amoedo, que foi aluno, pensionista, professor, vice-diretor e diretor interino da Academia/Escola Nacional de Belas Artes.

A partir dessa reflexão sobre a forma com que os críticos e historiadores abordam a arte oitocentista praticada na Academia e mais especificamente a obra de Amoedo, pode-se entender a importância da análise da trajetória do artista sob outra perspectiva. A partir de alguns dos seus estudos de pintura selecionados na coleção do Museu Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro, procuramos apresentar essa parte de sua produção que é pouco conhecida e que, conforme acreditamos, complementa as formulações existentes sobre a atuação de Amoedo partindo de um ponto de vista diferente. Ao invés de classificar os estudos em algum estilo de pintura, a intenção deste trabalho é compreender como eles se inserem na obra do artista. Esta investigação, a partir dos estudos, busca analisar aquilo que Amoedo realizou e não o que “deveria” ter realizado, conforme reflete Rafael Cardoso:

Para quem quer entender a importância de Amoedo para a arte brasileira, cabe algum esforço para avaliá-lo pelo que era, e não pelo que não foi. É preciso considerar sua obra em seus próprios termos, tentando compreender a lógica artística que a moveu (Cardoso 2008, p. 111).

Desse modo, vamos observar uma pequena parte dos estudos de Rodolpho Amoedo, discutindo-os com textos de História da Arte. Uma vez que boa parte dessa produção não é datada, a relação dos estudos com eventos da carreira de Amoedo é apenas sugerida pela afinidade de temas, técnicas e finalidades. Mas também se faz necessário compreender o papel dos estudos de pintura em uma pesquisa de História da Arte, onde eles podem ser tomados como registros de um trabalho cotidiano ou como objetos de interesse por si mesmos. Com isso, podemos observar que os estudos de Rodolpho Amoedo revelam aspectos pouco abordados na fortuna crítica existente, ao mesmo tempo que ajudam a confirmar algumas ideias apenas mencionadas por outros autores.

Rodolpho Amoedo e seus estudos de pintura

A investigação sobre a biografia de Rodolpho Amoedo revela que o seu envolvimento com a arte perpassou toda a sua vida, desde os seus pais, que eram atores de teatro, o primeiro trabalho como ajudante de um pintor de letras, até o curso no Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro. Com o incentivo dos professores do Liceu, matriculou-se na Academia Imperial de Belas Artes em 1874. Mais tarde, como artista formado, realizou trabalhos decorativos, ilustrações, projetos gráficos, participou de júris artísticos, foi professor de pintura e desenho em várias instituições de ensino. Diz-se que Amoedo frequentava concertos de música e peças de teatro, que era um leitor voraz, mantinha amizades com intelectuais e estava sempre pronto a falar de arte. Ou seja, a arte se fez presente em toda sua vida.

Da Academia Imperial de Belas Artes para a École de Paris, a sua formação artística esteve sempre relacionada a um sistema de ensino ligado à prática do desenho e da pintura. Ainda que durante muitos anos tenha se dividido entre a pintura e a docência, a sua longevidade e dedicação contribuíram para que a sua obra fosse extensa e variada. Por isso, enfatizamos que os retratos, as pinturas históricas, as religiosas e os trabalhos decorativos pelos quais Rodolpho Amoedo ficou conhecido representam apenas uma parte da sua produção.

A numerosidade e a diversidade das obras atribuídas a Amoedo no Museu Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro são testemunhas dessa constatação. Do total de 1.243 peças, somente uma pequena parte compreende as obras realizadas com a técnica da pintura a óleo, enquanto as demais têm materiais, suportes e finalidades variadas. Em nossa pesquisa, nomeamos essa parte da produção de Amoedo no MNBA, em geral, de “estudos”. Essa denominação não se restringe à definição específica do termo nos dicionários de História da Arte,³ pois é compreendida aqui como exercício de pintura.

³ No sentido usual, o termo “estudo” designa os desenhos ou manchas que visam detalhar porções de uma obra que está sendo preparada. Por exemplo, estudos de panejamento, de pés, mãos, de folhagens etc. Cf. MARCONDES, 1998.

Entre os estudos de Rodolpho Amoedo encontramos cenas de cotidiano, paisagens, figuras humanas, flores, folhas, objetos, projetos gráficos para livros, capas de revistas e catálogos. Neste artigo, selecionamos alguns exemplos que mostram a produção artística de Rodolpho Amoedo para além das suas obras e temáticas mais conhecidas. Contudo, o fato de que os seus estudos são pouco lembrados na produção teórica sobre a obra de Amoedo não significa que eles eram obras restritas ao uso do artista no seu ateliê como parte do processo criativo, o que poderia ser usado como justificativa para esse esquecimento. Em catálogos de exposição das quais Amoedo participou, é possível encontrar itens denominados “estudos”, “esboços” e termos equivalentes entre as obras exibidas. Embora não tenha sido possível determinar, até o momento, quais eram exatamente esses trabalhos expostos, os títulos atribuídos nos catálogos de exposição são indícios de que Amoedo apresentava alguns dos seus estudos em público.

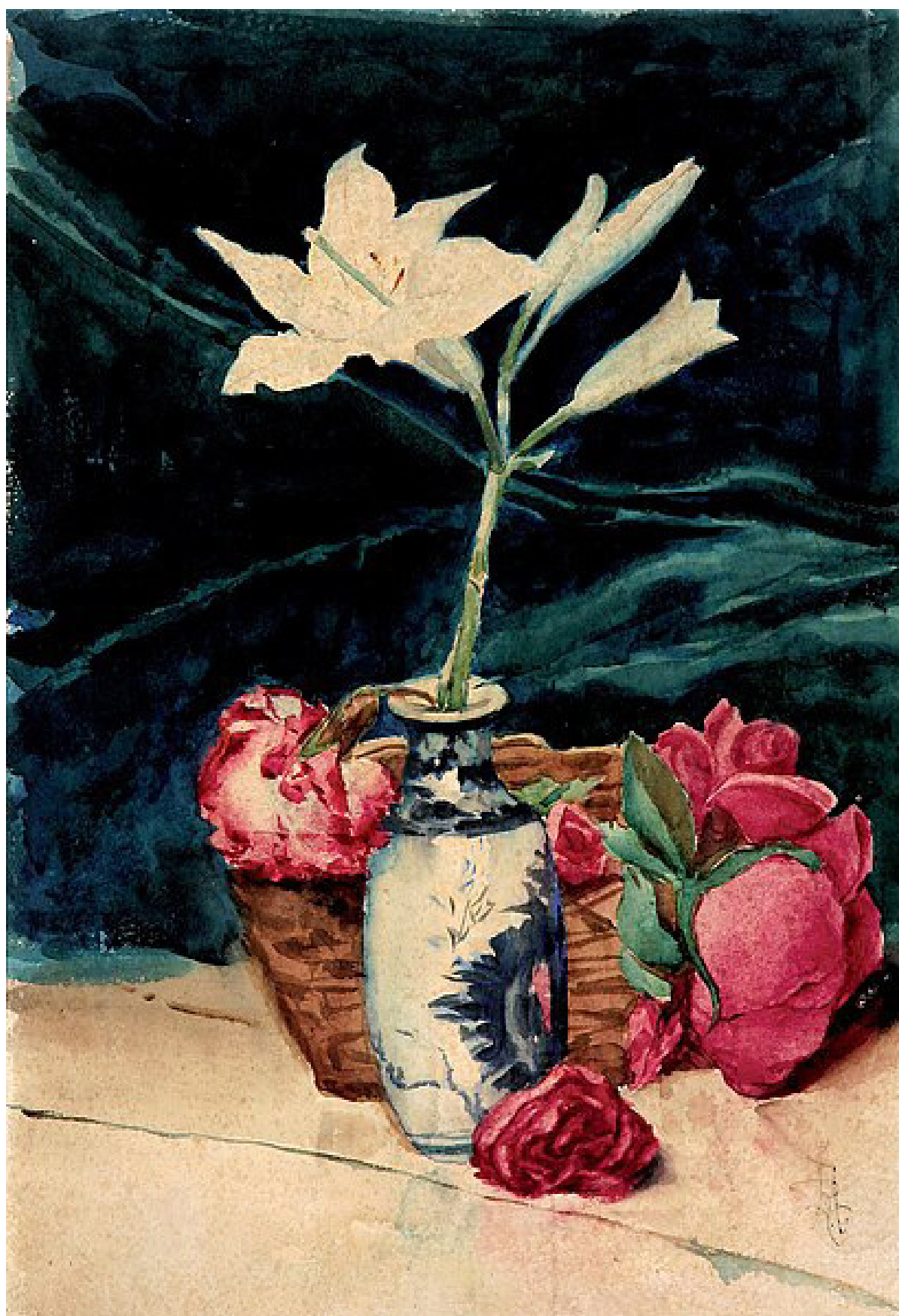


Figura 1. Rodolpho Amoedo, *Estudo de composição com flores brancas e Vermelhas* (1884)

Aquarela envernizada sobre cartão, 45 x 31 cm, N.1299

Fonte: Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro, Brasil

Disponível em: <https://shre.ink/rz3F>

Acesso em: 13 out. 2023

O primeiro estudo de pintura selecionado para este texto (Figura 1) pode ser um desses trabalhos exibidos durante a sua carreira, considerando-se o nível de acabamento, a datação e a assinatura com o monograma “RA”. Trata-se de uma natureza-morta em aquarela de 1884⁴, ou seja, período em que Rodolpho Amoedo estava em Paris. Analisando esse estudo de natureza-morta, podemos entendê-lo como um registro das experimentações de composição, texturas e cores. O contraste entre o vermelho das rosas e o azul intenso do plano de fundo é marcante nessa composição e o lírio branco que aparece como um recorte no azul. Além disso, observamos a aplicação do brilho que confere uma representação crível da porcelana do vaso – que, aliás, segue o gosto pelas “chinesices” em moda nesse período – e do tecido acetinado que serve de plano de fundo. Esse estudo é um registro material da preocupação do artista com o desenvolvimento das suas habilidades e com a absorção das tendências de gosto da sua época, com a temática moderna e o aspecto espontâneo da composição.



Figura 2. Rodolpho Amoedo, *Estudo de figura de menina olhando através de janela* [detalhe] (s.d.)
Aquarela sobre papel, 24,5 x 18 cm. N.1205
Fonte: Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro, Brasil
Fotografia da autora

4 Conforme dados da ficha da obra no Museu Nacional de Belas Artes/Ibram/MT, Rio de Janeiro.

A próxima obra selecionada para esta breve análise da trajetória de Rodolpho Amoedo é uma cena de cotidiano, cujo detalhe podemos observar na Figura 2. Esta cena cotidiana tem um motivo que conta com outros exemplos na História da Arte: olhar através de uma janela. Nesse caso, é uma menina com blusa vermelha e uma saia estampada que o artista deixou inacabada, dissolvendo-se em camadas de tinta e grafite no papel⁵. Embora sem data, é possível sugerir que essa obra é posterior à natureza-morta por duas razões. Primeiro, porque a técnica parece mais apurada nesta cena cotidiana do que na outra obra; segundo porque a menina pode ser uma integrante da família da esposa do artista, Adelaide Amoedo. Rodolpho Amoedo casou-se com Adelaide na década de 1890 e podemos compreender que a obra deve ter sido feita após essa união. De todo modo, neste estudo vemos um artista com olhar atento para o cotidiano, para as qualidades estéticas e poéticas de uma jovem menina observando algo através de uma janela. O feixe de luz desenhando o perfil do rosto, os ombros e as dobras do tecido são bem trabalhados pelo pincel do artista nesta técnica delicada da aquarela. Unindo o tema romântico do olhar pela janela com a fluidez da técnica, Amoedo compôs uma cena que pode ser observada no contexto do interesse oito-novecentista para a representação da vida cotidiana.



Figura 3. Rodolpho Amoedo, *Estudo de paisagem: caminho com pedras e vegetação* (s.d.)
Aquarela sobre papel, 27,5 x 21,2 cm. N. 1139.
Fonte: Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro, Brasil, MNBA/Ibram/MT

⁵ A imagem da obra em sua totalidade pode ser vista em <https://artsandculture.google.com/asset/estudo-de-figura-de-menina-olhando-atrav%C3%A9s-de-janela-rodolfo-amoeado/qQHfo0Vy8Aim-Q> Acesso em 26 ago. 2023.

O terceiro estudo que apresentamos é uma paisagem. É verdade que a paisagem aparece na obra de Rodolpho Amoedo com certa frequência, como cenário das cenas religiosas, mitológicas e históricas. Mesmo assim, deparar-se com essas pequenas paisagens aquareladas, delicadamente pintadas, surpreende o observador que não associa Amoedo à produção de paisagens. Há a possibilidade de que essas paisagens tenham sido feitas ao ar livre, conforme apontaram os autores Ana Cavalcanti e Carlos Terra (2019). Isso porque tanto a técnica utilizada quanto a composição sugerem o trabalho *en plein air*, que foi frequentemente referido na História da Arte após os impressionistas. Ainda conforme apontou Alfredo Galvão (1954), Amoedo foi professor de pintura de paisagem durante um breve período e chegou a levar seus alunos para pintar ao ar livre.

Tal qual a natureza-morta e a cena cotidiana, a pintura de paisagem diante do motivo é um flagrante do artista que se dedica a estudar a prática pictórica, buscando soluções ágeis e esteticamente agradáveis para a representação dos elementos da vida cotidiana. Flexa Ribeiro em um texto publicado na *Ilustração Brasileira* (1935, p. 19) menciona o “caráter poético” da arte de Rodolpho Amoedo, algo que, conforme buscamos demonstrar, pode ser percebido em todo o conjunto da sua obra. Antes mesmo do tema por si só, o que interessa ao artista nesses estudos é a possibilidade de olhar o motivo e entender como representá-lo através da linguagem pictórica. A tradução do objeto observado em planos, linhas e cores translúcidas proporciona ao artista um momento de contemplação e desafio despretensioso, embora não inconsciente, no exercício da sua arte.

Os estudos de pintura e o século XIX

A partir da observação desses três estudos, foi possível demonstrar como a trajetória de Rodolpho Amoedo pode ser analisada sob novos aspectos da sua produção artística, que são distintos daqueles normalmente ditos sobre os seus quadros mais conhecidos. Nesses estudos, estão de lado as cenas religiosas, mitológicas e indianistas pelas quais Amoedo ficou marcado, dando lugar a temas que podem ter proporcionado ao artista a representação *sur le motif* – ou seja, o pintor estaria diante do objeto representado. Mesmo as figuras humanas retratadas nos estudos tendem a apresentar uma espontaneidade e uma delicadeza que contrasta com a solidez do modelado nos retratos a óleo. Os estudos mostram a capacidade do artista para olhar o objeto e representá-lo com agilidade, utilizando-se dos materiais e das técnicas da pintura que Amoedo fez questão de dominar. Assim, o olhar para esses estudos revela um artista preocupado com a plasticidade das obras e com a pesquisa pictórica na representação de cores, materialidades, efeitos de luz, como os observamos na natureza.

O caso de Amoedo é exemplar no que se refere à produção de estudos de pintura devido à coleção reunida no Museu Nacional de Belas Artes. A oportunidade de observar tantas peças em um mesmo acervo certamente é um diferencial para pensar a sua obra como um todo e esboçar o tipo de análise proposta neste trabalho. Porém, vale ressaltar que outros artistas brasileiros também produziram seus estudos de pintura e têm pelo menos parte deles em acervos públicos. Refletir sobre como trazer essa produção para as análises em História da Arte é um exercício necessário.

Dessa forma, concluímos esse texto sublinhando a questão dos estudos como objetos de pesquisa, uma vez que eles não são somente testemu-

nhas de um processo criativo e da trajetória de um artista, como buscamos demonstrar, mas também podem ser objetos de interesse por si mesmos. Os esboços, estudos e manchas realizados pelo artista no seu cotidiano de trabalho revelam as escolhas e o aprimoramento que são parte do processo pictórico, indicando caminhos de análise da obra de um artista que exploram os aspectos individuais de criação. Nesse sentido, relacionam-se com todos os trabalhos realizados pelo pintor, sugerindo pontos de mudança no interesse artístico. Por outro lado, esses estudos, sejam eles desenhos ou pinturas, são completos em si mesmos e podem dispensar essa análise interrelacionada. Assim como devemos analisar a trajetória dos artistas caso a caso, os estudos de pintura – acabados ou inacabados – são o que deveriam ser no conjunto da obra e assim devem ser olhados.

Referências bibliográficas:

CARDOSO, Rafael. *A arte brasileira em 25 quadros [1790-1930]*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

CAVALCANTI, Ana Maria Tavares; TERRA, Carlos Gonçalves. Paisagem na Academia: uma exposição no MNBA e a pesquisa no Museu D. João VI. In: SEMINÁRIO DO MUSEU D. JOÃO VI: Pesquisa sobre os acervos do Museu D. João VI e do Museu Nacional de Belas Artes, IX, 2018, Rio de Janeiro. *Anais Eletrônicos...* Rio de Janeiro: NAU, 2019, p.19-35. Disponível em: <https://shre.ink/rR7m>. Acesso em 17 dez. 2019.

GALVÃO, Alfredo. **Subsídios para a história da Academia Imperial e da Escola Nacional de Belas Artes: diretores e professores.** Rio de Janeiro: Universidade do Brasil, 1954.

MARCONDES, Luiz Fernando. **Dicionário de termos artísticos.** Rio de Janeiro: Edições Pinakothek, 1998.

MATTOS, Adalberto. Bellas Artes: O expurgo artístico. **O Malho**, Rio de Janeiro, n. 1006, 24 dez. 1921.

MIGLIACCIO, Luciano. A arte no Brasil entre o Segundo Reinado e a Belle Époque. In: BARCINSKI, F. W. (org.). **Sobre a arte brasileira: da Pré-história aos anos 1960.** São Paulo: Editora WMF Martins Fontes e Edições SESC São Paulo, 2014, p. 174-231.

PEDROSA, Mario. Amoedo, lição de um centenário. In: _____. **Acadêmicos e modernos: textos escolhidos III.** Organização Otília Arantes. São Paulo: Edusp, 1998.

PEREIRA, Sonia Gomes. A sincronia entre valores tradicionais e modernos na Academia Imperial de Belas Artes: os envios de Rodolfo Amoedo. **ArtCultura**, Uberlândia, v. 12, n. 20, jan. jun. 2010, p. 85-94.

RIBEIRO, Fléxa. Os mestres da arte brasileira: A bíblia e a mythologia na pintura de Rodolpho Amoêdo. **Ilustração Brasileira**, Rio de Janeiro, ed. 1, maio 1935, p. 19-22.

